

Nas tuas mãos, de Inês Pedrosa: compreensão e recriação do passado

letrônica

Cristiane Krumenauer¹

As personagens Jenny (mãe) e Camila (filha), de “Nas Tuas Mãos”, romance de Inês Pedrosa, resgatam uma experiência traumática de suas vidas: o homossexualismo de António (esposo) e Pedro (pai). A obra desdobra-se em uma dupla experiência: uma referente à “vivida” pelas protagonistas, e outra referente àquela que está sendo narrada por elas, o que suscita o questionamento sobre a veracidade ou a invenção dos fatos. Contudo, antes de mais nada, é necessário observar que palavras, tais como “fatos”, “acontecimentos”, “passado” ou outras com certa semelhança semântica, referem-se exclusivamente ao universo ficcional das narradoras protagonistas, o que transforma a narrativa na ficção de uma ficção.

Na verdade, antiga é a preocupação em tentar estabelecer as diferenças entre memória e imaginação. O homem, de fato, sente um inevitável desejo pela verdade, seja ela a de outrem, seja a de si mesmo. A possibilidade de que possa ser ludibriado pela sua própria mente enquanto estiver nessa busca da verdade o deixa à mercê da sua própria história, fazendo-o se sentir incapaz de controlar não somente seu presente e futuro (o que já era de se prever), mas também seu passado – único e singular – onde se encontram suas emoções e o segredo de sua vida.

As frustrações das personagens ao perceberem que o tempo é irrepitível e que algumas circunstâncias são inenarráveis, a ponto de muitas vezes provocarem o silêncio, amplia o desejo de alcançar a memória fiel do passado. . Contudo, quanto mais nos aprofundamos na leitura do romance, mais percebemos que todas as informações de que

¹ Mestranda em Letras pela Uniritter, Especialista em Literatura Brasileira pela UFRGS.

dispomos fazem parte de uma visão unilateral – o que não nos permite nunca o acesso à totalidade dos fatos –, bem como de uma visão deformada, gerada pela nossa própria leitura dos acontecimentos.

É justamente essa forma fragmentária e deficitária de perceber o mundo o que move as narradoras a buscarem a completude e a totalidade da experiência, embora esse empreendimento mostre-se inalcançável.

Portanto, toda interpretação que possamos fazer do romance foge de qualquer verdade, tendo em vista a própria forma da obra – uma ficção em que as personagens reconstróem a memória do passado também como ficção. . Ao tratarmos dos relatos de Jenny e Camila, cabe-nos somente buscar a coerência da própria ficção, considerando a (in)viabilidade de tornar presentes novamente os acontecimentos no momento em que as personagens narram..

O foco em primeira pessoa permite um extravasar de emoções mais intenso que o foco em terceira pessoa. Por outro lado, isso limita o conhecimento, sendo uma visão contrária à onisciência, à medida que acentua a unilateralidade do relato, – do que é exemplo, especialmente o relato de Jenny em seu diário, a primeira entre as três gerações de mulheres desta obra.

O diário de Jenny

O primeiro capítulo da obra é *O diário de Jenny*. Nele, a personagem, mãe de criação de Camila, busca retomar seu passado através de um diário, não muito convencional. Esse diário, do qual se esperam relatos do dia-a-dia, passa a ser escrito somente quando ela já está em idade avançada. Por sua vez, o que escreve não é somente sua vida recente, mas principalmente um certo resumo das lembranças e fatos mais relevantes que a levaram até a situação presente. Isso a põe numa posição de distanciamento do passado que busca relatar, o que nos permite considerá-la no que Pouillon (1974) determina como “visão por detrás”.

Por essa visão, pressupõe-se que Jenny necessita ver-se como outra mulher, diferentemente daquela que está vivendo todas as situações. O resultado é que esse afastamento de si mesma acaba permitindo-lhe uma visão mais ampla do ocorrido,

exatamente por não se sentir parte daquilo. Esse afastamento também possibilita narrar os acontecimentos, que muitas vezes ou são dolorosos ou estão inacessíveis à memória, de forma mais equilibrada, ainda que esse equilíbrio beire mais à imaginação do que à realidade:

Afasto-me das pessoas e observo-as de longe; nunca consigo vê-las de muito perto, sem enquadramento. Enfrentando a imperfeição aprendi a perdoar. Olho para a raiz das acções², e concluo que também eu a podia ter cometido. A pior delas (p.47).

Assim, Jenny, devido à relativa distância que se encontra da maior parte do que é narrado, ao mesmo tempo em que possui uma melhor compreensão do que ocorreu, também acaba vendo-se à mercê de uma memória ou de uma falsa memória, manipulada pelo transcorrer do tempo e pelo seu próprio olhar do presente.

Nas palavras da própria Jenny:

Não me lembro da experiência da dor. Uma das vantagens do envelhecimento é conseguirmos esquecer aquilo que não nos apetece recordar (p.27).

E não lhe apetecendo recordar, narra mais o que lhe apraz e como lhe apraz, não observando seriamente a “verdade” do que está apresentando. De certa forma, temos ainda que questionar como ela, com sua visão do presente, tendo já conhecimento dos resultados e consequências, poderá relatar exatamente o que sucedeu no passado, quando essa experiência ainda não teria tido lugar.

Vejamos:

(1) Só na noite do nosso casamento descobri que havia outra pessoa que te soletrava António, querido (p.14).

² Podem ser notadas algumas variações na grafia das palavras extraídas do romance de Inês Pedrosa, pelo fato de a obra original ser de Portugal.

- (2) Não percebi porque é que nada sucedia de acordo com as normas, mas nessa noite nem sequer fiquei triste. Estava muito cansada de ter sorrido e dançado o dia inteiro, cansada de ser bonita e espirituosa num vestido pesado de rainha, pensei apenas que me querias proteger, como sempre, ou que simplesmente te agrava prolongar um pouco mais o perverso prazer da espera (p.21).
- (3) Só depois de casada soube dos motivos (traição de Pedro) que te conduziram até aos meus braços, em Meteora. O Pedro mencionou essa viagem numa discussão contigo. Estavam tão exaltados que não vos deve ter ocorrido que eu pudesse ouvir-vos, no quarto ao lado (p.38).
- (4) Quando agora olho tranquilamente para as fotografias da vossa juventude, vejo dois rapazes elegantes procurando atenuar pela distinção dos adereços – os chapéus de aba larga, os *foulards* de seda lavrada, os coletes italianos, os casacos de ombros largos – certas irregularidades de formas e traços. Eram magros, o Pedro mais alto do que tu e quase macilento (p.15-6).

Acima, os quatro trechos são lembrados com vistas em seu resultado, ou seja, quando Jenny já havia tomado ciência de que António era homossexual, que se casara com ela para ludibriar os olhos preconceituosos da sociedade. O segundo faz menção específica à primeira noite de núpcias, quando o noivo a instala no quarto ao lado, enquanto se dirige ao leito com o amante Pedro. No terceiro, esclarece-se que o que levou António a pedi-la em casamento não fora o amor, mas as traições do parceiro do mesmo. Já o quarto demonstra um olhar tranquilo, desapaixonado de Jenny ao perceber que António não tinha um físico tão atraente como sempre imaginara, ao contrário de como sempre o via na juventude.

Essa duplicidade de visões – na qual, de um lado está a Jenny, que vive os fatos e que, devido a isso, desconhece o desenrolar posterior dos mesmos; e de outro, está a

mesma personagem, mas dessa vez assumindo um diferente papel – a de narradora – permite-nos constatar uma divergência entre o vivido e o narrado. Diante dessa dupla experiência, podemos nos questionar como a personagem poderá narrar e, através de sua narração, fazer suas impressões e sensações reviverem outra vez.

Podemos, assim, nos perguntar, com Pouillon (1974):

Haverá uma “memória” para os últimos? [fenômenos psíquicos]. Não o acreditamos: um fenômeno psíquico não se reproduz. Temos de reinventá-lo. A lembrança não é uma realidade e sim uma operação: não existe lembrança, nós nos lembramos. Nós nos lembramos captando em alguma coisa que nos esteja sendo dada uma outra coisa que não nos é dada: a significação do passado (p.40).

Assim, Jenny estaria mais próxima de uma reinvenção de seu passado do que de uma reprodução fiel do mesmo. Além disso, quando Pouillon afirma que nos lembramos a partir de algo dado, está se referindo a algo dado no presente. O passado, dessa forma, é buscado porque há um aspecto do presente que nos remete até ele. No caso de Jenny, a tentativa de justificar-se diante de Camila pode ser esse algo dado que o autor menciona. O objetivo da personagem, portanto, está mais para justificar-se do que para revelar a verdade dos fatos. De outra forma, esse resgate, independentemente da finalidade com que é feito – justificar-se ou apenas reencontrar-se – aproxima-se mais da atribuição de um sentido e de uma compreensão do passado do que simplesmente de uma tentativa vã de verdade.

O álbum de Camila

A capa da obra de 2005, pela Editora Planeta do Brasil, somente por curiosidade, demonstra uma mulher cujo rosto é encoberto completamente com as próprias mãos, sendo que seu posicionamento está dividido entre a capa e a contra-capas. Assim, somente com o livro totalmente aberto, podemos ver essa face de mulher por completo. Essa simbolização parece levar em conta não somente a visão parcial, representada pela

divisão da face entre a capa e a contracapa, como também a atitude de esconder os fatos de si, e encobrendo os olhos com as próprias mãos.

Neste capítulo, temos Camila, que se torna a partir de então a narradora protagonista, relatando sua vida por meio de um álbum fotográfico. Em cada subcapítulo, a personagem descreve uma nova fotografia por completo – suas nuances, seus detalhes, as pessoas e o cenário. Segundo ela, o motivo pelo qual se tornara fotógrafa foi tentar guardar os principais momentos de sua vida, como se, ao fazer isso, pudesse apoderar-se desses instantes. Mas nem tudo Camila pretende registrar: a exemplo da descrição da estranha mulher da capa, ela parece cobrir os próprios olhos diante da homossexualidade do pai.

Camila, na verdade, passa por uma drástica mudança de concepção quanto ao seu passado após a leitura do diário de Jenny – a descoberta desse outro olhar diante dos fatos abalará toda uma história pré-concebida, influenciando definitivamente o próprio presente da personagem.

Atentemos para três declarações de Camila:

(1) O meu pai e o tio Tó Zé não davam por nada; deitavam-se sempre muito tarde, a maior parte das vezes saíam para o Casino às onze da noite e só voltavam ao romper da manhã. Era evidente que viviam encadeados um pelo outro, mas nessa época eu ainda não queria pensar no significado desse fascínio. Precisava de uma ideia de pai, por tênue que fosse (p.104).

(2) Mas quando li o diário de Jenny compreendi que o meu pai não tinha sido o sedutor invertebrado que, com grande tristeza, o julgava. Passei a vida inteira a mantê-lo delicadamente à distância, para não ter de enfrentar aquilo que me parecia ser a sua falta de amor por mim, e, antes de mim, pela minha mãe, e, antes da minha mãe, por qualquer ser humano. A sua veemência parecia-me uma afectação de salão, e a sua dedicação extrema ao António uma subserviente cobardia (p.135).

(3) Querida Natália, o diário de Jenny perturbou-me muito porque me obrigou a ver, pela primeira vez, para além da confortável protecção das imagens feitas, das descrições científicas da personalidade. Pela mão dela, o teu avô Pedro tornou-se finalmente o meu pai. E só a mim mesma posso julgar severamente, por não ter sabido avançar para além da letra visível das palavras, até à voz surdamente uníssona daqueles três corações. Apesar disso, consolo-me na definição do meu retrato, à luz de Jenny. Tratarei de não me fustigar demasiado com recriminações póstumas, para não oxidar essa espécie de heroísmo minimal próprio da filha que ela tanto mereceu (p.135).

As palavras de Camila, nos três fragmentos, demonstram o conflito entre duas visões: a primeira referente à forma como, na época, enxergava o relacionamento amoroso entre os três (seu pai, António e Jenny); a segunda, à compreensão dos fatos com vistas em seu resultado, o que somente pode ocorrer com o distanciamento da personagem.

Na verdade, a primeira concepção, originada no momento em que as ações ocorrem, assemelha-se mais a uma busca de proteção por meio de imagens criadas, o que beira a ilusão. Como ela mesma afirma no excerto 1, precisava de uma ideia de pai, qualquer ideia que fosse. O distanciamento que manteve desse pai, o qual julgava um sedutor sem alma nem caráter, acaba também se qualificando como uma fuga da verdade (trecho 2). De fato, Camila pensava que Pedro não tinha sentimentos por não ter se relacionado com ninguém (era no que acreditava naquela época, quando desconhecia o caso entre António e Pedro) e, sendo assim, não amava nem a ela nem a sua mãe, Danielle. Via o pai, portanto, como um incapaz de amar e a distância de um ser sem sentimentos a resguardaria de maiores sofrimentos. Outra razão para esse afastamento, embora inconsciente, poderia ser não dar a oportunidade de lhe revelarem o que pressentia em sua alma quanto ao estranho relacionamento do pai com António.

Com a leitura do diário, por sua vez, depara-se com uma grande reviravolta – o que havia julgado não passava de engano, dado não só pelo afastamento do pai como também por sua visão parcial dos fatos. Revela, então, que através das palavras de Jenny,

pôde, enfim, compreender o passado e aceitar o pai (trecho 3). Jenny, dessa forma, estava certa ao escrever que acreditava que deveriam ter revelado toda a verdade a Camila desde o início, apesar do temor da não aceitação dela e do preconceito da sociedade.

Essa dualidade demonstrada nos três excertos anteriores revela a divergência entre percepção, imaginação e compreensão. Enquanto a percepção se dá no momento em que ocorrem os fatos e é influenciada, em grande parte, pelo filtro que Camila opta em usar por alguns motivos pessoais (o que pode levá-la à imaginação), a compreensão se dá somente ao ler o diário de Jenny, muitos anos após os acontecimentos.

Para Pouillon (1974):

Admite-se, com efeito, que a percepção e a imaginação diferem, não por seus objetos, e sim apenas por seu relacionamento com a realidade única que todas duas teriam como objetivo dar-nos a conhecer; esta realidade só poderia ser atingida diretamente por intermédio da percepção, e a imaginação só entraria em cena para suprir às deficiências desta última (p.35).

Estando, como afirma Pouillon, a percepção de Camila deficiente diante do homossexualismo do pai, a imaginação entraria em cena, o que a faz enxergar Pedro como um sedutor sem sentimentos e sem consideração. A visão parcial que tem acaba sustentando sua imaginação, o que não pode, apesar disso, ser visto negativamente, pois é graças à percepção, aliada à imaginação, que possui uma concepção arrazoada dos fatos na sua juventude. Como afirma Pouillon (1974), esse recurso à imaginação para captar o que não se oferece à percepção não denota uma impotência lamentável; não estamos deixando escapar o psíquico ao imaginar. A própria definição clássica da imaginação é: fazer existir para nós algo que não existe. Por outro lado, continua o estudioso, “se é alguma coisa, essa coisa existe; portanto, esta frase só pode significar: algo que não é material, que não se oferece à percepção, podendo, entretanto, apresentar-se de outra maneira: à imaginação” (p.37).

Essa imaginação e essa percepção de Camila, por sua vez, mudam graças à compreensão dos fatos diante da verdade desvelada. Resulta daí a “visão por detrás”, conceituada por Pouillon, a partir da qual a personagem se vê como outra a resgatar sua

história. Camila não se reconhece como a mesma da infância e da juventude e esse afastamento de si é o que lhe permite reorganizar os fatos, deixando-os mais compreensíveis a si mesma. Pouillon (1974) aponta que:

O protótipo dessa compreensão nos é fornecido pela reflexão que cada um de nós pode fazer sobre a sua própria pessoa, e na qual nos transformamos como que em objetos para nós mesmos, assim como por todos os casos em que nos julgamos capazes de falar dos sentimentos, dos pensamentos de outrem sem os fazer nossos. Este modo de compreensão representa um modo de conhecimento; com efeito, é no conhecimento que o sujeito conhecedor se distancia do objeto conhecido, razão pela qual a reflexão é considerada como um desdobramento (p.62).

Camila, portanto, desdobra-se a fim de compreender a si e ao pai. Uma controvérsia parece ser a de que quanto mais longe está do passado, mais próxima da verdade ela está, pois é através desse afastamento que consegue reestruturar os fatos que antes pareciam como peças de quebra-cabeça que não se encaixavam devidamente. Por outro lado, essa controvérsia é amplamente plausível, à medida que refletimos sobre a posição de Camila no seu círculo familiar: não lhe é permitido clareza no momento em que seu foco narrativo encontra-se no desenrolar das ações. É necessário, então, ocorrer um olhar de si para si como sendo outrem para analisar adequadamente seu papel naquela família.

Talvez nos caiba indagar por que certas situações, tão facilmente interpretáveis, eram incompreendidas por Camila. Por que, por exemplo, o relacionamento entre Pedro e António, apesar de óbvio para os mais próximos, era imperceptível à personagem? Mallea (1965) explica:

¿Qué nos pasa? – nos hemos preguntado. - ¿Qué nos está pasando?
¿Por qué no acertamos? Y lo que nos estaba pasando era que no nos habíamos colocado ante lo que enfrentábamos a la distancia justa; que no lo habíamos visto desde el debido lugar (p.48).

E essa distância justa, ou “visão por detrás”, se seguirmos a terminologia de Pouillon (1974), serve como reorganizadora dos fatos, pois ameniza as fragilidades sentimentais. Na leitura do romance, percebemos que Camila, assim como Jenny, teve uma vida árdua e repleta de contratempos, pois, enquanto uma sofria com o amor não correspondido de Antônio, a outra sofria com o aparente desamor do pai.

Isso acaba dificultando a visão no momento dos acontecimentos, quando os sentimentos vêm à tona, sobrepondo-se à razão. O tempo, dessa forma, torna-se um aliado do esquecimento ou apaziguamento no que se refere às emoções intensas, que em nada colaboram para uma reorganização do passado.

Assim, graças ao afastamento dos fatos, tanto Jenny quanto Camila resgatam, à sua maneira, a experiência de homossexualismo do esposo e do pai, personagem que se desdobra na imaginação de ambas as narradoras. Contudo, não são capazes de trazer as experiências do passado à tona novamente. O que conseguem fazer, na verdade, é uma releitura dos acontecimentos, graças à qual passam a melhor compreendê-los, apesar da inviabilidade de revivê-los.

REFERÊNCIAS

MALLEA, Eduardo. *Poderío de la Novela*. Buenos Aires, 1965.

PEDROSA, Ines. *Nas Tuas Mãos*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. São Paulo: Cultrix, 1974.

Recebido em: 14 de junho de 2010

Aceito em: 18 de julho de 2010

E-mail do autor: cristiane.krumenauer@gmail.com